OS ABISMOS



Pilar Quintana



Os abismos

Pilar Quintana

TRADUÇÃO DE Elisa Menezes



© 2021, Pilar Quintana © 2021, Penguin Random House Grupo Editorial, S.A.U.

TÍTULO ORIGINAL

Los abismos

REVISÃO Laiane Flores Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE MIOLO Shutterstock | Alena Novik

DESIGN DE CAPA Elisa von Randow

IMAGEM DE CAPA Manuela Eichner

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q67a

Quintana, Pilar, 1972-Os abismos / Pilar Quintana ; tradução Elisa Menezes. -1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022. 272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Los abismos ISBN 978-65-5560-579-2

1. Ficção colombiana. I. Menezes, Elisa. II. Título.

21-74431 CDD: 868.993613 CDU: 82-3(862)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6° andar 22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br







Havia tantas plantas no apartamento, que nós o chamávamos de a selva.

O prédio parecia saído de um filme futurista antigo. Formas retas, *pilotio*, muito cinza, grandes espaços abertos, janelas panorâmicas. O apartamento era duplex e a grande janela da sala ia do chão ao teto, que cobria os dois andares. Embaixo o piso era de granito preto com veios brancos. Em cima, de granito branco com veios pretos. A escada era de tubos de aço preto e degraus de tábuas polidas. Uma escada nua, cheia de vãos. Em cima, o corredor dava para a sala, como uma sacada, com gradil de tubos iguais aos da escada. De lá se contemplava a selva, abaixo, espalhada por toda parte.

Havia plantas no chão, nas mesas, em cima do aparelho de som e do bufê, entre os móveis, em plataformas de ferro forjado, e vasos de barro pendurados nas paredes e no teto, nos primeiros degraus da escada e em lugares que não podiam ser vistos do segundo andar: a cozinha, a lavanderia e o lavabo. Havia de todos os tipos. De sol, de sombra e de água. Algumas poucas, os antúrios vermelhos e as orquídeas-garças-brancas, tinham flores. As outras eram verdes. Samambaias lisas e crespas, moitas com folhas rajadas, manchadas, coloridas, palmeiras, arbustos, árvores enormes que se davam bem em vasos e ervas delicadas que cabiam na minha mão de criança.

Às vezes, ao andar pelo apartamento, eu tinha a impressão de que as plantas se esticavam para me tocar com suas folhas feito dedos, e que as maiores, em um bosque atrás do sofá de três lugares, gostavam de envolver as pessoas que se sentavam ali ou assustá-las com um toque.

Na rua havia dois ipês que tapavam a vista da varanda e da sala de estar. Nas estações de chuva eles perdiam as folhas e ficavam carregados de flores rosadas. Os pássaros pulavam dos ipês para a varanda. Os beija-flores e os siriris, os mais atrevidos, espiavam a sala de jantar. As borboletas iam sem medo da sala de jantar para a de estar. Às vezes, à noite, entrava

um morcego voando baixo, como se não soubesse para onde ir. Minha mãe e eu gritávamos. Meu pai pegava uma vassoura e ficava em meio à selva, parado, até o morcego sair por onde havia entrado.

À tarde, um vento fresco descia das montanhas e atravessava Cáli. Despertava os ipês, entrava pelas janelas abertas e sacudia também as plantas de dentro. O alvoroço que se formava era igual ao das pessoas em um show. Quando o sol se punha, minha mãe as regava. A água enchia os vasos, escoava pela terra, saía pelos buracos e caía nos pratos de barro soando como um riacho.

Eu adorava correr pela selva, ser acariciada pelas plantas, ficar no meio delas, fechar os olhos e ouvi-las. O fio da água, os sussurros do ar, os galhos nervosos e agitados. Adorava subir a escada correndo e olhar para ela do segundo andar, como da beira de um precipício, os degraus parecendo o penhasco partido. Nossa selva, rica e selvagem, lá embaixo.

Minha mãe sempre estava em casa. Ela não queria ser como a minha avó. A vida inteira me disse isso.

Minha avó dormia até o meio da manhã e minha mãe ia para a escola sem vê-la. À tarde minha avó jogava lulo com as amigas e, quando minha mãe voltava da escola, de cinco dias não estava em quatro. Quando estava era porque lhe cabia receber o jogo de cartas em casa. Oito mulheres na mesa da sala de jantar fumando, rindo, jogando baralho e comendo *pandebono*. Minha avó nem olhava para a minha mãe.

Uma vez, no clube, minha mãe ouviu uma senhora perguntar à minha avó por que não tinha mais filhos.

— Ai, minha filha — disse minha avó —, se eu pudesse ter evitado, nem esta teria tido.

As duas mulheres gargalharam. Minha mãe acabara de sair da piscina e estava pingando. Sentiu, ela me disse, que alguém lhe abria o peito, enfiava a mão lá dentro e arrancava seu coração.

Meu avô chegava do trabalho no fim da tarde. Abraçava a minha mãe, fazia-lhe cosquinhas, perguntava sobre o seu dia. De resto, ela cresceu sob os cuidados das empregadas que se sucediam ao longo do tempo, pois minha avó não gostava de nenhuma.

Na nossa casa as empregadas também não duravam.

Yesenia vinha da Floresta Amazônica. Tinha dezenove anos, os cabelos lisos até a cintura e os traços brutos das estátuas de pedra de San Agustín. Nós nos demos bem desde o primeiro dia. Meu colégio ficava a poucos quarteirões do nosso prédio. Yesenia me levava a pé de manhã e à tarde me esperava na saída. No caminho me falava da sua terra. As frutas, os animais, os rios mais largos que qualquer avenida.

Isso — dizia apontando para o rio Cáli — não é um rio, é um riacho.

Uma tarde chegamos e fomos direto para o quarto dela. Um quartinho com banheiro e uma janelinha ao lado da cozinha. Nós nos sentamos na cama, uma de frente para a outra. Havíamos descoberto que ela não conhecia as canções nem os jogos de mãos. Eu estava lhe ensinando o meu preferido, o das bonecas de Paris. Ela errava todos os movimentos e nós caíamos na gargalhada. Minha mãe apareceu na porta.

- Claudia, faz o favor de subir.

Estava seríssima.

- O que foi?
- Já falei para subir.
- Estamos brincando.
- Não me faça repetir.

Olhei para Yesenia. Ela, com os olhos, me disse para obedecer. Eu me levantei e saí. Minha mãe pegou minha maleta do chão. Subimos, entramos no meu quarto e ela fechou a porta.

- Não quero mais te ver tendo intimidades com ela.

- Com a Yesenia?
- Com nenhuma empregada.
- Por quê?
- Porque é a empregada, menina.
- E o que é que tem?
- Que você se apega a elas e daqui a pouco elas vão embora.
- Yesenia n\u00e3o tem ningu\u00e9m em C\u00e1i. Pode ficar com a gente para sempre.
 - Ai, Claudia, não seja tão ingênua.

Poucos dias depois Yesenia foi embora sem se despedir, enquanto eu estava no colégio.

Minha mãe me disse que tinham ligado de Letícia e que ela precisou voltar para a família. Eu suspeitava que não fosse verdade, mas minha mãe manteve sua versão.

Em seguida chegou Lucila, uma senhora idosa de Cauca que não me dava nenhuma bola e foi a empregada que ficou mais tempo conosco.

Minha mãe fazia suas tarefas de dona de casa pela manhã, quando eu estava no colégio. As compras, as providências, os pagamentos. Ao meio-dia ela buscava o meu pai no supermercado e eles almoçavam juntos em casa. À tarde ele levava o carro para o trabalho e ela ficava em casa esperando por mim.

Na volta do colégio eu a encontrava na cama com uma revista. Ela gostava da ¡Hola!, da Vanidades e da Cosmopolitan. Nelas, lia sobre a vida das mulheres famosas. As matérias traziam grandes fotos coloridas das casas, dos iates e das festas. Eu almoçava e ela passava as páginas. Eu fazia os deveres e ela passava as páginas. Às quatro começava a programação no único canal de TV e, enquanto eu assistia à Vila Sésamo, ela passava as páginas.

Certa vez minha mãe me contou que pouco antes de terminar o ensino médio esperou o meu avô chegar do trabalho para lhe dizer que queria estudar na universidade. Eles estavam no quarto dos meus avós. Ele tirou a camisa *guayabera*, largou-a no chão e ficou de camiseta regata. Grande, peludo, com a barriga redonda e dura. Um urso. Então olhou para ela de um modo estranho que ela não reconhecia.

- Direito. - Minha mãe ainda se atreveu a dizer.

As veias do pescoço do meu avô saltaram e com sua voz mais grossa ele disse que o que as moças decentes faziam era se casar, que universidade de direito uma ova. A voz terrível ressoando como num megafone, quase consegui ouvi-la, enquanto minha mãe, pequenininha, recuava.

Menos de um mês depois ele teve um infarto e morreu.

No escritório tínhamos uma parede com retratos de parentes.

O dos meus avós maternos era uma foto em preto e branco, com moldura prateada. Foi tirada no clube, na última festa de fim de ano que passaram juntos. Caíam serpentinas ao redor deles e as pessoas usavam chapéus de papel e cornetas. Meus avós estavam se afastando do abraço. Riam. Ele, gigantesco, de smoking, óculos com lentes bifocais e um drinque na mão. Não dava para ver os pelos, mas eu sabia, por outras fotos e pela minha mãe, que brotavam nele por toda parte. Pelas mangas da camisa, nas costas, no nariz e até nas orelhas. Minha avó usava um vestido elegante de costas nuas, tinha uma cigarreira entre os dedos e o cabelo curto e abaulado. Era alta e magra, uma lombriga ereta. Ao lado dele parecia minúscula.

A Bela e a Fera, sempre pensei, embora minha mãe defendesse o pai dizendo que ele não era nenhuma fera, mas sim um ursinho de pelúcia que só ficou bravo daquela vez. CLAUDIA MORA COM OS PAIS EM CÁLI, NA COLÔMBIA, EM UM APARTAMENTO TOMADO POR PLANTAS E RODEADO POR PRECIPÍCIOS FÍSICOS E METAFÓRICOS. O AMBIENTE, EXUBERANTE E BEM-CUIDADO, É UM CONTRASTE, UMA OPOSIÇÃO À MÃE INDIFERENTE QUE ESTÁ EM CONFLITO COM OS CAMINHOS ESCOLHIDOS E IMPOSTOS PARA A PRÓPRIA VIDA. COMO MUITAS FAMÍLIAS, A DE CLAUDIA PASSA POR UMA CRISE, E BASTA O CASAMENTO DE SEUS PAIS ESTREMECER PARA QUE ELA COMECE A ENTENDER A FRAGILIDADE DOS LIMITES QUE MANTÊM A PREVISIBILIDADE DO COTIDIANO.

A PARTIR DA EXPECTATIVA E DE SEU OLHAR ATENTO E AO MESMO TEMPO INOCENTE DE CRIANÇA, É A MENINA QUE NARRA OS ACONTECIMENTOS QUE ABRIRAM AS FENDAS POR ONDE ENTRARAM SEUS PIORES MEDOS, AQUELES QUE SÃO IRREVERSÍVEIS E PODEM LEVAR À BEIRA DOS ABISMOS. NOS ÚLTIMOS ANOS DA INFÂNCIA, CLAUDIA COMEÇA A ENTENDER QUE A EXISTÊNCIA CHEGA AO FIM E QUE ESSA RUPTURA PODE SER UMA ESCOLHA PESSOAL. É PELOS RELATOS DA MÃE, OBCECADA POR REVISTAS DE CELEBRIDADES — E EM ESPECIAL PELAS FIGURAS FEMININAS COM FINAIS TRÁGICOS, COMO GRACE KELLY —, QUE ELA FAZ A CORRESPONDÊNCIA ENTRE A MORTE E AS ESCOLHAS E PASSA A TEMER PELAS DECISÕES DE SUA PROGENITORA.

EM MEIO À BELEZA E À VIOLÊNCIA DA NATUREZA, CONFRONTANDO DESEJOS INCONFESSOS, CRIANÇA E MÃE SE ENCONTRAM E, ASSIM, O DESTINO DA MAIS VELHA PARECE SE DEBRUÇAR SOBRE O ABISMO CONTRA O QUAL TANTAS OUTRAS MULHERES TAMBÉM JÁ SE DEPARARAM.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1161